



Nuno Costa Santos

Existe um bairrismo bom e um bairrismo mau?

Artigo para discutir.

Francisco Simões, investigador auxiliar do Centro de Investigação e Intervenção Social do ISCTE, pessoa com quem já troquei algumas palavras nesta ilha Terceira que me acolhe há dois anos, publicou um artigo no Diário Insular intitulado “Bairrismos: Para quê tanto drama?”

Prossigo a nossa conversa, agora por escrito, porque escrito foi o seu argumentário sobre um assunto que me tem ocupado (vai sendo recorrente no programa Novo Normal, da RTP Açores) e merece novos atalhos e contributos.

Simões começa o artigo com uma pergunta que traz dentro de si, pouco disfarçado, um statment: “E não pode uma certa dose de bairrismo oferecer importantes contributos ao futuro dos Açores?”

Uma questão que lhe serve para fazer uma referência aos que, nos seus termos, não se relacionam com o argumento.

Os que são classificados pelo autor como sendo “defensores do unionismo arquipelágico”, vendo no bairrismo uma manifestação de darwiniano combate.

Deixa, para adornar o argumento, cair uma nota jocosa: “Daí ao melodrama da identidade ameaçada vai um passo: os canais irremediavelmente fechados entre as ilhas, nós de novo divididos entre os de cima e de baixo, as placas tectónicas que nos sustentam talvez engendrando uma conspiração para, de vez, nos separar”. Divertido.

Complementemos, com termos outros, o pensamento de Francisco. Para ele, os mais entusiasmados autonomistas, os questionadores de todos os bairrismos, são uns melodramáticos.

Uns sentimentalões açóricos que não conseguem ver aquilo que topa o articulista-cientista, distanciado dos entusiasmos identitários açorianos e das suas ocasionais choradeiras. Pensemos um pouco.

Para sustentar o argumento de que cada ilhéu é antes de mais a sua ilha (e não o seu arquipélago ou a freguesia ou o país), alude a uma “extensa literatura sobre as chamadas geografias emocionais”. Estudos.

Numa extensa literatura sobre a emoção de açorianos com “saudades da terra” respiguei volumes de ficção, ensaio e poesia.

E, desviado das estantes, vi e ouvi, longe destes territórios insulares, muitos conterrâneos meus apresentarem-se a continentais como açorianos. A referência à ilha vem depois.

Quererá isso dizer que a ilha que deixaram é chamada, na sua mais íntima geografia, de Açores? Será que, na longa-metragem do espírito, ao falarem de Açores só consagram o recorte da sua casa insular? Só fazendo mais um estudo.

Francisco Simões justifica o bairrismo com duas circunstâncias: a de uma tensão, vinda da convicção de que a tendência demográfica – rápido envelhecimento, não regresso dos jovens formados –, em determinadas ilhas, conduzirá a desinvestimento e “encolhimento económico”.

E da pulsão competitiva, aos seus olhos, natural e benéfica. A “competição pela diferença” é geradora de criatividade e progresso.

Dá um exemplo. O do Pico.

O do Pico na sua afirmação perante o Faial.

“Não fosse a sua necessidade de afirmação em relação ao outro lado do canal e talvez ainda vivesse em pleno feudalismo”. Será que essa afirmação advém de um fenómeno classificado popularmente como bairrismo ou de um movimento de orgulho e de vontade de diminuir desigualdades? Só fazendo mais um estudo.

Chega a referência à açorianidade. Cada vez mais discutida. Uma conclusão arriscada deste texto: “A narrativa da açorianidade lida, porém, mal com a primazia emocional da ilha, a afirmação de necessidades económicas legítimas e uma capacidade de reservar para cada uma delas o seu espaço de expressão”.

É uma sentença muito ambiciosa que junta identidade, emoção e orçamento caseiro e por isso é difícil questioná-la no seu conjunto. Mas na parte da emoção, é necessário, a propósito, lembrar que Luís da Silva Ribeiro, um dos mais encartados cultores da açorianidade, dizia-se açoriano da sua ilha.

E basta ler vários autores que, ao longo dos anos, têm reflectido sobre o tema – como Onésimo Teotónio Almeida – para se perceber que um pensamento unificador dos Açores não exclui – pelo contrário, sublinha – o apego a cada uma das ilhas por parte de quem delas é e quem delas sai.

Num comentário feito numa prosa incluída no livro “Açores, Açorianos, Açorianidade”, Onésimo declara: “Quando na minha juventude saí de São Miguel para ir viver em Angra, apercebi-me de que era micaelense”.

Esse sentimento não embate em qualquer “narrativa da açorianidade”.

Segundo o investigador do ISCTE, os - e cito o termo utilizado pelo autor - apaniguados da autonomia, o bairrismo deveria ser erradicado. Acrescentamos: arrancado. Como um dente falecido. Acrescenta: “Cá me quer parecer que essa tentativa de esvaziamento tristemente simplista é a assunção de uma consciência pesada”. Consciência Pesada? De quem? Relativa a quê? Só fazendo mais um estudo.

Duas conclusões nas quais desagua o artigo. Uma: contra a vontade de combater o bairrismo, a imposição das continhas para pagar.

Outra: o facto de o bairrismo ameaçar a ideia de união trazida pela açorianidade deve-se ao esboroamento progressivo da açorianidade no plano político e cultural.

Percebe-se, em parte, esta conclusão relativa à condução política dos destinos autonómicos.

Depois do romantismo dos primeiros anos da Autonomia, veio a rotina do interesse imediato, da gestão dos terrenos mais próximos e do acirrar de divisões.

Sublinhe-se, no entanto, os progressos, mesmo que estraguem a tese defendida: o abaixamento do preço das passagens entre as ilhas complementa a facilitada ligação conseguida através dos périplos marítimos. Sobre a parte cultural: importante consultar o último livro de Urbano Bettencourt para anotar a genealogia de gestos açorianos das últimas décadas na área da literatura.

O caminho está a ganhar corpo e genica.

Têm surgido movimentos no sentido de favorecer uma aproximação de vários artistas de diferentes recantos do arquipélago. E refiro-me ao audiovisual, aos encontros e festivais, aos manifestos, a uma iniciativa, mais recente – na qual tanta gente está implicada – chamada Azores 2027. Que, partindo de uma cidade, se estende às outras – cidades e freguesias. Esta semana foram apresentados os embaixadores de cada uma das nove ilhas. Para usar termos do artigo, a cultura já está na luta.

“Localismo” não é um problema. O diálogo com o mundo (como é referido no texto) não é antitético de qualquer atenção ao local, aos costumes e às experiências feitas em todo o espaço açoriano – o insular e o emigrante. A açorianidade de hoje conjuga cada vez mais tradição e risco. Paisagem e experiência. A mencionada cauda de baleia e condimentos, alguns deles de vocação urbana, que nada têm a ver com a cauda da baleia. Há muita coisa – distinta, diversa – na bagagem.

Entrando em diálogo com o pedido final de Francisco Simões, o de se deixar prosseguir os bairrismos, é importante notar que os bairrismos só são verdadeiramente produtivos, num sentido global, quando há um sentimento comum.

Quando há uma noção de conjunto. A funda ideia de que se faz parte de um corpo territorial e de cultura.

Quando não existe, esse celebrado bairrismo transforma-se em guerrinha.

Naturalíssimo que haja afeição das pessoas pelos lugares de onde chegam ou onde moram – o meu está consagrado no nome da secção – mas se essa afeição não for complementada por um sentido mínimo de solidariedade interna isto (e quando digo isto refiro-me à forma como se organiza politicamente o arquipélago) deixa de fazer sentido.

Há, para citar a segunda parte da definição do dicionário intermético agora consultado, uma “limitação de interesses, dinâmicas ou actividades ao limite de um bairro ou um âmbito reduzido”.

É isso que queremos?